

# *Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas*

2



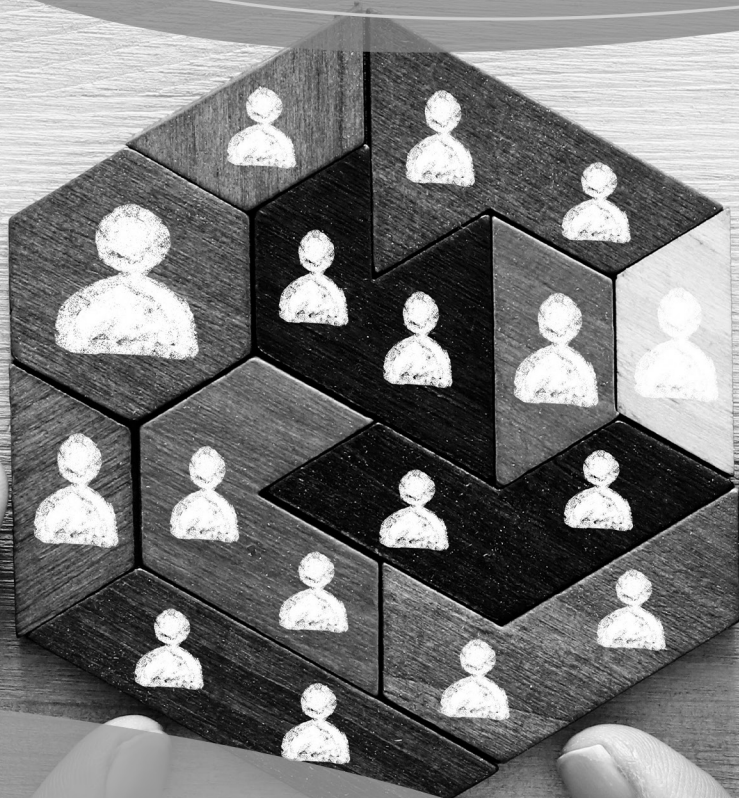
*Luciana Pavowski Franco Silvestre  
(Organizadora)*

**Atena**  
Editora

Ano 2020

# *Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas*

2



*Luciana Pavowski Franco Silvestre  
(Organizadora)*

**Atena**  
Editora

Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Luciana Pavowski Franco Silvestre

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] :  
necessidades individuais & coletivas 2 / Organizadora  
Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa,  
PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-363-7

DOI 10.22533/at.ed.637200909

1. Ciências sociais aplicadas – Pesquisa – Brasil. I.  
Silvestre, Luciana Pavowski Franco.

CDD 300

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A Atena Editora apresenta o e-book “Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas”, são ao todo trinta e dois artigos organizados e apresentados em dois volumes.

As pesquisas abordam temas relevantes que visam identificar, analisar e refletir sobre as relações estabelecidas entre os fenômenos sociais, econômicos e políticos no atual contexto.

No primeiro volume apresenta-se quatorze artigos com pesquisas relacionadas a três eixos temáticos: Desenvolvimento tecnológico, inovação e sustentabilidade; Consumo, comunicação e informação e Educação e processos de formação voltados para a cidadania e práticas emancipatórias.

O segundo volume é composto por dezoito artigos que tratam sobre políticas públicas e gestão pública e os impactos no atendimento das demandas relacionadas a área de saúde, profissionalização, socioeducação, sistema judiciário e processos de institucionalização. Os artigos analisam também os aspectos políticos e coligações partidárias.

Os artigos possibilitam o reconhecimento e análise de maneira mais aprofundada dos temas abordados, bem como, podem contribuir para a realização de novos questionamentos e pesquisas, com aproximações sucessivas das relações sociais e desvelamento das necessidades individuais e coletivas existentes no atual contexto

Boa leitura a todos e a todas.

Luciana Pavowski Franco Silvestre.

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### **SUSPENSÃO DE PROCEDIMENTOS HEMODINÂMICOS: UM DESAFIO PARA A GESTÃO PÚBLICA**

Alexandre Rodrigues Inácio de Azevedo

Jéferson Valente Vieira

Adriana Maria Lamego Rezende

Renato Cruz de Sousa

Ana Luísa Carneiro Pereira Gonçalves

Bráulio Lamego Resende

Fernanda Cruz de Souza

Matelane dos Anjos Rezende

**DOI 10.22533/at.ed.6372009091**

### **CAPÍTULO 2..... 14**

#### **COVID 19 COMO DOENÇA OCUPACIONAL E SEUS IMPACTOS NA ESFERA PREVIDENCIÁRIA**

Letícia Vieira Mattos

**DOI 10.22533/at.ed.6372009092**

### **CAPÍTULO 3..... 25**

#### **O ROMPIMENTO DO HIATO DO GÊNERO A PARTIR DE ROTAS METABÓLICAS BIOQUÍMICAS**

Maria Betânia de Oliveira Garcia

Carolina Helena Almeida Silva

Ariane Ribeiro Martins

**DOI 10.22533/at.ed.6372009093**

### **CAPÍTULO 4..... 41**

#### **AGLOMERADOS DE ALTO RISCO DE MORTALIDADE POR ACIDENTES DE TRANSPORTE TERRESTRE NO BRASIL**

Érika Carvalho de Aquino

Vinícius da Silva Oliveira

Marli de Mesquita Silva Montenegro

José Maurício Botto de Barros Garcia

João Bosco Siqueira Júnior

Otaliba Libânio de Moraes Neto

**DOI 10.22533/at.ed.6372009094**

### **CAPÍTULO 5..... 58**

#### **BREVE REFLEXÃO SOBRE ADOÇÃO E A CULTURA DA INSTITUCIONALIZAÇÃO**

Izabel Tereza Sousa Silva

Wnágylly Jéssica da Silva Pinheiro

Juliana Lara Borges Soares

Anna Gabriella Barbosa de Carvalho Silva

Cidianna Emanuely Melo do Nascimento

**DOI 10.22533/at.ed.6372009095**

**CAPÍTULO 6..... 66**

**TURISMO E CULTURA: UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA DOS GRUPOS DE CARIMBÓ DE BELÉM-PA**

Victor Barbosa Campos

Maria Augusta Freitas Costa Canal

**DOI 10.22533/at.ed.6372009096**

**CAPÍTULO 7..... 78**

**AFETOS EM MOVIMENTO: TRAJETÓRIAS DE MULHERES NA ECONOMIA SOLIDÁRIA E NO MST**

Flávia Cunha Pacheco

Carolina de Andrade Guarnieri

Luna Carulina Mendes Filgueiras

Maria Therezinha Loddi Liboni

**DOI 10.22533/at.ed.6372009097**

**CAPÍTULO 8..... 90**

**ESTRATÉGIAS DE *COPING* ADOTADAS POR FAMÍLIAS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Ana Naysa Albuquerque Teixeira

Cibelly Aliny Siqueira Lima Freitas

Verônica de Azevedo Mazza

Maria Adelane Alves Monteiro da Silva

Etelvina Melo Sampaio

Benedita Shirley Carlos Rosa

**DOI 10.22533/at.ed.6372009098**

**CAPÍTULO 9..... 106**

**CAPITAL TRABALHO E ESTADO NA POLÍTICA PÚBLICA DE NEGOCIAÇÃO COLETIVA NO AGRONEGÓCIO: TRILHAS DE UMA PESQUISA NO ESTADO DO PIAUÍ**

Paula Maria do Nascimento Mazullo

Maria Dione Carvalho de Moraes

**DOI 10.22533/at.ed.6372009099**

**CAPÍTULO 10..... 119**

**COMO PROMOVER A REINserÇÃO DE EX-PRESIDIÁRIOS NA SOCIEDADE DE MATO GROSSO**

Hiayssa França Almeida

**DOI 10.22533/at.ed.63720090910**

**CAPÍTULO 11..... 121**

**A INDEPENDÊNCIA CONGOLESA COMO UM PROCESSO DE MANUTENÇÃO DO CONSERVADORISMO SOCIAL E ECONÔMICO**

Felipe Antonio Honorato

Paulo Cesar de Abreu Paiva Júnior

**DOI 10.22533/at.ed.63720090911**

<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>133</b>
JUSTIÇA RESTAURATIVA: CONTRIBUIÇÕES PARA A CULTURA DE PAZ MEDIANTE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	
Débora Maria Ferreira da Silva	
Francisco Mateus Pontes Pereira	
Tânia Gabriela de Sousa de Paiva	
Maria Isabel Silva Bezerra Linhares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63720090912</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>144</b>
O REGIME DISCIPLINAR DIFERENCIADO: UMA ANÁLISE DE SUA NATUREZA JURÍDICA	
Mateus Gruber	
Sarah Francine Schreiner	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63720090913</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>155</b>
“FUTEBOL-BANDIDO”: OS <i>CARTOLAS DA CBF</i> E A CORRUPÇÃO NO BRASIL	
Breno Carlos da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63720090914</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>168</b>
O DIREITO FUNDAMENTAL À PROFISSIONALIZAÇÃO DE SOCIOEDUCANDOS QUE CUMPREM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA EM SALVADOR: ABORDAGEM CRÍTICO-ANALÍTICA	
Evandro Luís Santos de Jesus	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63720090915</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>179</b>
O SOCIALISMO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA	
Rodolfo Palazzo Dias	
Eric Gil Dantas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63720090916</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>203</b>
COALIZAÇÕES ORGANIZACIONAIS – RESPOSTA À CONJUNTURA DE ALTA COMPETITIVIDADE	
Adelcio Machado dos Santos	
Daniel Tenconi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63720090917</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>216</b>
ANCESTRALIDADE E POLÍTICA NA TRAJETÓRIA DE MÃE HILDA DE JITOLU	
Ayni Estevão de Araujo	
Geander Barbosa das Mercês	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63720090918</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>227</b>

ÍNDICE REMISSIVO .....228

Data de aceite: 01/09/2020

### Rodolfo Palazzo Dias

Pós-doutorando no Programa de pós-graduação de Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFRJ), doutor em Sociologia Política pela UFSC.

### Eric Gil Dantas

Doutor e mestre em Ciência Política pela UFPR.

“Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo”

(MARX, K. A ideologia Alemã. 11º tese sobre Feuerbach)

**RESUMO:** O presente artigo busca elaborar didaticamente aspectos do conteúdo e do desenvolvimento histórico da doutrina socialista. Trazendo para o debate os clássicos desse pensamento, e mobilizando grandes referências na área, o texto busca explorar o desenvolvimento e os conceitos fundamentais do socialismo como ponto de vista sobre a realidade político e social. O texto inicia com os fundadores da doutrina socialista; depois desenvolve histórica e conceitualmente o “socialismo científico”; elabora considerações sobre a internacionalização

da doutrina e finaliza com o impacto desta na América Latina e no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Socialismo, luta de classes, revolução.

**ABSTRACT:** This article seeks to didactically present aspects of the content and historical development of socialist doctrine. Bringing to the debate the classics of the socialist thought, and mobilizing main references in the area, the text seeks to explore the development and the key concepts of socialism as a point of view on the political and social reality. The text begins with the founders of socialist doctrine; then it develops “scientific socialism” historically and conceptually; elaborates considerations on the internationalization of doctrine and concludes with its impact on Latin America and Brazil.

**KEYWORDS:** Socialism, class struggle, revolution.

## 1 | APRESENTAÇÃO

A perspectiva socialista, sendo classificada enquanto doutrina, precisa iniciar sua discussão com um adendo. Esta é uma teoria que abarca fortes críticas ao que é classificado na filosofia como “idealismo”, e o que é classificado na política como “utopismo”. Nega, nesse sentido, uma capacidade da ideia em intervir autonomamente na realidade.

Por outro lado também é fortemente crítica à um descritivismo da realidade. Ela nasce, ao contrário, na tentativa de intervir diretamente nessa realidade. Nasce do

utopismo; porém, comprometido com a alteração da realidade, busca na ciência, na economia política, formas de superação das limitações de sua capacidade de intervenção na realidade.

É uma doutrina no sentido que verifica a importância da ideia como orientadora das práticas humanas, sendo estas as efetivas transformadoras das sociedades. Nesse sentido, mais do que defender certa sociedade, defende certa prática. Ao invés de defender certo modelo social, defende a revolução social.

Tendo isto em vista, o presente texto busca mostrar o desenvolvimento histórico de tal doutrina, iniciando nos seus primórdios utópicos, desenvolvendo a incorporação da economia política nos debates, e finalizando com os dilemas práticos enfrentados pela doutrina em sua efetiva intervenção na realidade.

## 2 | AS ORIGENS DO SOCIALISMO

A doutrina socialista moderna pode ter sua origem histórica reconstruída a partir de uma série de pensadores críticos do sistema social que estava se desenvolvendo nos séculos XVIII e XIX. Esse período foi marcado por intensas mudanças econômicas, políticas, demográficas e ideológicas, que levaram ao historiador Eric Hobsbawm a chamá-lo de “A Era das Revoluções”.

Nessas transformações, todo o sistema social anterior foi alterado e criticado. Como disse Engels:

Os grandes homens que, na França, iluminavam as mentes para a revolução vindoura atuavam, eles próprios, de modo sumariamente revolucionário. Eles não reconheciam nenhuma autoridade exterior, qualquer que fosse sua espécie. Religião, visão de natureza, sociedade, ordem estatal – tudo era submetido à crítica mais implacável, tudo tinha de justificar sua existência perante o tribunal da razão ou renunciar a ela. (ENGELS, 2015, p. 45).

As doutrinas Iluminista e Liberal faziam uma crítica incisiva sobre os aspectos centrais da sociedade que se deteriorava. Criticavam o despotismo acusando a miséria e a irracionalidade do sistema social feudal, assim como afirmaram a possibilidade de criação de uma ordem social racional fundamentada no direito natural individual, que seria capaz de realizar as promessas da Revolução Francesa de liberdade, igualdade e fraternidade.

Porém, a realidade social criada a partir desse processo não conseguiu realizar todas as expectativas geradas por tais doutrinas.

O que se pretendia era organizar um Estado racional, uma sociedade racional, e tudo o que contradizia a razão deveria ser eliminado sem dó nem piedade. [...] depois que a Revolução Francesa concretizou essa sociedade e esse Estado racionais, essas novas instituições, por mais racionais que fossem em comparação com as condições anteriores, de modo algum se evidenciaram como absolutamente racionais. O Estado Nacional ruiu completamente. (...) A paz perpétua prometida havia se revertido em uma interminável guerra de



conquistas. A sociedade racional não se saiu melhor. O antagonismo entre rico e pobre, em vez de dissolver-se no bem estar universal, aguçou-se (...). A opressão violenta foi substituída pela corrupção, ao passo que a espada o foi pelo dinheiro, que se tornou o principal meio de alavancar o poder social.” (ENGELS, 2015, p. 289-290).

As consequências sociais da revolução industrial inglesa e a incompletude das transformações políticas francesas frustraram os que aguardavam o triunfo da razão naquele período. Por esse motivo, um dos primeiros recursos argumentativos dispostos aos socialistas foi evidenciar tal frustração; foi empurrar os argumentos do liberalismo clássico até onde os liberais burgueses não conseguiriam ir (HOBSBAWN, 2002). A realização da liberdade e das potencialidades humanas em uma sociedade ordenada racionalmente permaneceram como horizonte de ambas as doutrinas, liberal e socialista, segundo Hobsbawn.

Mas como o historiador inglês destaca, não houveram apenas continuidades. Uma grande diferença que marca a separação dessas duas doutrinas é a retomada da compreensão do homem como “naturalmente coletivo” (HOBSBAWN, 2002, p. 337). E, além disso, ao invés de postular a liberdade como atributos naturais dos indivíduos, passam a ter uma visão mais histórica e evolutiva da sociedade (HOBSBAWN, 2002, p. 338).

Três pensadores são destaques no processo de gestação da doutrina socialista: Claude-Henri de Saint-Simon, Charles Fourier, e Robert Owen.

O primeiro, sendo um grande defensor do industrialismo (HOBSBAWN, 2002, p. 334-335) e da atividade do trabalho (ENGELS, 2015, p. 291-292), já concebia a história de seu período (Revolução Francesa) como a luta entre nobreza, burguesia e despossuídos. Aliava a sua defesa da atividade do trabalho à defesa dos despossuídos, que efetivamente produziam os recursos sociais. Sobre as consequências políticas da perspectiva de Saint-Simon, Engels comenta:

Embora o conhecimento de que a condição econômica é a base das instituições políticas aflore aqui apenas embrionariamente, está expressa com todas as letras a conversão do governo político sobre as pessoas em administração de coisas e em condução de processos de produção, ou seja, a recentemente tão badalada abolição do Estado. (ENGELS, 2015, p. 292).

Enquanto Saint-Simon vislumbrou a defesa de uma sociedade industrial, de uma sociedade de divisão do trabalho e apropriação dos resultados do trabalho pelos envolvidos no processo, Charles Fourier tem seu papel enquanto precursor do socialismo pela sua crítica à sociedade burguesa. Segundo Engels:

Ele subdivide todo o seu percurso até o presente momento em quatro fases de desenvolvimento: selvageria, patriarcado, barbárie e civilização, sendo que esta última coincide com a agora assim chamada sociedade burguesa, e demonstra 'que a ordem civilizada eleva todo e qualquer vício, que a barbárie pratica de modo singelo, à condição de modo de existência composto,

de duplo sentido, ambíguo e hipócrita', que a civilização se move em uma 'circulação defeituosa', em contradições que ela constantemente volta a gerar sem conseguir superá-las, de forma que continuamente obtém o contrário daquilo que quer ou alega querer alcançar, de forma que, por exemplo, 'na civilização a pobreza tem origem na própria abundância'. (ENGELS, 2015, p. 293-294).

Sua visão crítica (identificação das contradições presentes na sociedade) leva Engels a comentar que Fourier consegue manejar a dialética com tanta maestria como seu contemporâneo Hegel (ENGELS, 2015, p. 294). E, como destaca Hobsbawn, ainda que fosse o menos entusiasta do industrialismo que os outros dois autores aqui considerados, Fourier ainda assim “sustentava que a solução estava além e não atrás dele” (HOBSBAWN, 2002, p. 335).

Enquanto Saint-Simon e Fourier escreviam diante da realidade política revolucionária que assolava seu próprio país, a França, Robert Owen formulava suas ideias diante de uma revolução qualitativamente diferente, a Revolução Industrial na Inglaterra. Mais do que formular um ideal de organização econômica, aplicou esse ideal na prática. Conseguiu organizar uma indústria de algodão em Lanark, Escócia, em que: a jornada de trabalho era consideravelmente mais reduzida que os concorrentes; inventou os jardins de infância; com uma vida coletiva em que os dilemas sociais do período (embriaguez, justiça, pobreza, etc.) não estavam presentes; e, ainda assim, fortemente capaz de resistir às crises do algodão e de fornecer vultosos lucros aos seus proprietários (ENGELS, 2015, p. 296).

Mas mesmo diante de tais resultados Owen não se satisfaz. Ainda considerava que as pessoas permaneciam como escravas nesse sistema. E considerava três elementos da sociedade de sua época como responsáveis por essa situação: a propriedade privada, a religião e a forma de casamento do período (ENGELS, 2015, p. 296-297). Foi a partir dessa crítica que Owen deixa de ser considerado um filantropo e um exemplo para a sociedade europeia para ser “banido da sociedade oficial, silenciado pela imprensa, empobrecido pelos seus ensaios comunistas malsucedidos na América do Norte” (ENGELS, 2015, p. 297-298). Mas mesmo levando em consideração esses “fracassos” pessoais, Owen foi um importante participante do processo de organização da classe trabalhadora na Inglaterra<sup>1</sup>.

Esses críticos são considerados pela literatura como ícones no processo de gestação da doutrina socialista, e geralmente são classificados enquanto “socialistas utópicos”. Mas, como veremos, não são os únicos classificados nessa perspectiva.

### 3 | O DESENVOLVIMENTO DAS DOUTRINAS SOCIALISTAS

Definir os primeiros pensadores da perspectiva socialista enquanto “socialistas utópicos” foi obra de uma doutrina socialista específica: os que se autoproclamavam

---

1. Sobre Robert Owen também sugerimos a leitura do 2º capítulo do livro “Introdução à Economia Solidária”, de autoria de (SINGER, 2012). O industrial inglês é um dos principais inspiradores da Economia Solidária, corrente em voga no Brasil, que aparece como uma “alternativa” ao socialismo.

“socialistas científicos”, ou também de “comunistas”. As denominações socialistas e comunistas ainda não eram bem definidas na metade do século XIX. Muitas vezes de maneira intercambiável (o último com um sentido mais revolucionário), tais classificações se referiam aos críticos do sistema econômico presente nas grandes cidades e do sistema político excludente das grandes massas da população. Estavam organizados tanto em movimentos operários abertos como também em sociedades secretas.

Uma dessas sociedades chamava-se “Liga dos Justos”, que cumpriu um importante papel no processo de definição e amadurecimento da doutrina socialista. A Liga era uma federação secreta, que congregava uma série de seções que eram legalizadas em diversos países da Europa, e era composta principalmente por operários (COGGIOLA, 1998, p. 10-11).

No decorrer da década de 1840 a liga passou por um processo de transformação, de passagem de sociedades secretas para sociedades comunistas abertas, mais dedicadas à propaganda pública do que a conspirações (COGGIOLA, 1998, p. 12-13). O ingresso de dois participantes na Liga, Karl Marx<sup>2</sup> e Friedrich Engels<sup>3</sup>, foi fundamental para a alteração desse foco. Em 2 de junho de 1847 a liga muda seu nome para “Liga comunista” e “seu lema passou do vago, porém reconfortante, ‘Todos os homens são irmãos’ para o mais físico ‘Trabalhadores de todos os países, uni-vos’” (GABRIEL, 2013, p. 152).

O final da década de 1840 foi marcado por uma grande instabilidade política. Nas palavras de Hobsbawn, havia “a consciência de uma revolução social iminente” (HOBSBAWN, 2002, p. 418) dispersa pela sociedade europeia. O espectro do comunismo realmente estava disperso na Europa (COGGIOLA, 1998, p. 29).

Havia a necessidade de uma síntese que expressasse o posicionamento dos comunistas naquele período. É nesse intuito que a Liga transfere a responsabilidade de redigir um documento desse gênero para Marx e Engels.

Assim foi produzido o conhecido “Manifesto do Partido Comunista” no início de 1848. A importância desse documento para o movimento socialista foi oferecer uma visão sobre história, economia, política e sociedade; foi definir a posição dos comunistas diante das lutas sociais no seu período; e também definir seus “concorrentes”, ou seja, fazer apontamentos críticos às outras formas de socialismo presentes no período.

No Manifesto, os socialismos foram classificados em três principais literaturas: o socialismo reacionário; o socialismo conservador ou burguês, e o socialismo e comunismo

2. Karl Heinrich Marx nasceu na Prússia Renana, Alemanha, na cidade de Tréveris, em 1818. Sendo o maior nome do socialismo mundial, Marx escreveu uma vasta obra com alguns dos livros mais importantes do século XIX, como “O 18 Brumário de Luis Bonaparte” e “O Capital” (sendo o primeiro livro publicado em 1867 e o último, postumamente, em 1894). Segundo Lenin, “Marx continuou e desenvolveu plena e genialmente as três principais correntes ideológicas do século XIX, nos três países mais avançados da humanidade: a filosofia alemã, a economia política clássica inglesa e o socialismo francês, em ligação com as doutrinas revolucionárias francesas em geral” (LENIN, 1979, p. 7).

3. Friedrich Engels nasceu em Barmen, também na Prússia, Alemanha, em 1820, e viveu mais de uma década do que Marx, falecendo em 1895. Engels foi o principal parceiro de Marx, mas também produzindo individualmente algumas obras fundamentais do marxismo, como “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra” (1845), “O Anti-Dühring” (1878), e “A origem da Família, da propriedade privada e do Estado” (1884).

crítico-utópicos.

Sobre a primeira literatura socialista, são enquadrados nesse gênero: 1) o socialismo feudal, que, com uma crítica à sociedade burguesa, faz eco à dominação passada. Sua crítica da exploração presente acompanha a idealização da exploração passada; 2) o socialismo clerical, que, utilizando do ascetismo cristão, também prega o retorno da sociedade aos modelos históricos abandonados, mantendo um relacionamento estreito com o próprio socialismo feudal; 3) o socialismo pequeno-burguês, que também faz críticas aos desdobramentos da sociedade burguesa, porém em seu conteúdo propositivo oferece apenas “sistema corporativo na manufatura e economia patriarcal no campo” (MARX & ENGELS, 1998, p. 62); e 4) o socialismo alemão ou o “verdadeiro socialismo”, que seria a versão alemã da reação ao desenvolvimento do capital.

Diferente dos casos franceses e ingleses, em que o desenvolvimento econômico teria levado à ruína a aristocracia e a pequena burguesia, na Alemanha o desenvolvimento da sociedade burguesa estava menos maturo. Diante dessa realidade material, esta literatura se desenvolveu através de uma importação por parte dos filósofos idealistas alemães de uma série de considerações dos socialistas franceses. Porém, com um esforço de se abster das lutas concretas dos países vizinhos, substitui as lutas de classes pela luta da realização da verdade. Dessa forma, ao invés de representar a reação de classes efetivamente arruinadas, representou os interesses das classes que ainda estavam em posição dominante, mas que estavam amedrontadas diante dos avanços da burguesia nos países vizinhos. E, por isso, foi instrumento das velhas classes alemãs (aristocracia e pequena burguesia) em frear o avanço da sociedade burguesa na região.

De qualquer forma, esses diversos socialismos surgem como doutrinas que representam classes (sejam dominantes ou dominadas) arruinadas pelo processo de desenvolvimento do capital. Padecem da incapacidade de acompanhar o sentido da história, e, por consequência, assumem caráter cômico (quando irrealis) e infame (quando efetivamente atuam contra os interesses das classes dominadas).

A segunda literatura socialista, conservadora ou burguesa, é composta por autores dedicados a problematizar os males da sociedade burguesa, porém, sem desenvolver uma crítica anti-burguesa. “Os socialistas burgueses querem as condições de vida da sociedade moderna sem as lutas e os perigos que dela decorrem fatalmente” (MARX & ENGELS, 1998, p. 65).

O exemplo dessa literatura dado pelos autores é Pierre-Joseph Proudhon, especificamente seu livro chamado “Sistema de Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria”. Sobre esse texto, Marx dedica uma outra obra inteira para criticá-lo, que provocativamente chama-se “Miséria da Filosofia”. É uma crítica das dificuldades de Proudhon em lidar com os economistas políticos clássicos e com os filósofos alemães. Mas especificamente em relação às consequências políticas de tais dificuldades, Marx afirma:

Por outras palavras: o sr. Proudhon não afirma diretamente que a vida burguesa é para ele uma verdade eterna; di-lo indiretamente, ao divinizar as categorias que exprimem as relações burguesas sob a forma de pensamento. Toma os produtos da sociedade burguesa por seres espontâneos, dotados de uma vida própria, eternos, desde que se apresentem sob a forma de categorias, de pensamento. Assim, ele não ultrapassa o horizonte burguês. Porque trabalha como base nos pensamentos burgueses, supondo-os eternamente verdadeiros, procura a síntese desses pensamentos, do seu equilíbrio e não vê que o modo atual de eles se equilibrarem é o único possível. (MARX, 2001, p. 183)

Essa é a avaliação de Marx. Não se trata aqui de simplesmente caracterizar Proudhon como socialista burguês, classificação pejorativa na época. Se trata de verificar que o critério de classificação de um socialista enquanto burguês é justamente sua incapacidade em interpretar as categorias burguesas como transitórias historicamente, e portanto superáveis. As acusações de conservadorismo burguês embutidas em suas teorias, seguindo o critério acima, eram mútuas entre as diferentes correntes socialistas.

A terceira literatura tratada no Manifesto é chamada de socialismo e comunismo crítico-utópicos. É nessa classificação que se encontram os três autores tratados no tópico anterior. Mas não somente eles. Não podemos interpretar a crítica intensa presente no Manifesto à essa literatura como uma negação completa desses autores.

Os “fundadores” dessa corrente viviam sob circunstâncias históricas específicas. E para os termos dessas condições históricas, os três autores assumiram posições verdadeiramente revolucionárias. Apesar das críticas, não nos esqueçamos dos elogios que Engels faz à Saint-Simon por sua “amplidão genial do olhar” (ENGELS, 2015, p. 295), à Fourier como “um dos maiores satíricos de todos os tempos” (ENGELS, 2015, p. 295) e da consideração de que, na Inglaterra do início do século XIX, todos “os movimentos sociais, todos os progressos reais que foram feitos na Inglaterra visando o interesse dos trabalhadores estão vinculados ao nome de Owen” (ENGELS, 2015, p. 298).

A especificidade histórica vivida pelos autores estaria no fato de as lutas entre burguesia e proletariado não terem se desenvolvido ao ponto de esta segunda classe se mostrar como o potencial para a resolução dos dilemas sociais. E, como a própria realidade não oferecia a eles a solução para seus dilemas, substituem:

A atividade social por sua própria imaginação pessoal; as condições históricas da emancipação por condições fantásticas; a organização gradual e espontânea do proletariado em classe por uma organização da sociedade pré-fabricada por eles. (MARX & ENGELS, 1998, p. 66).

Se tal atitude não é condenável quando a própria realidade não oferece elementos para a sua solução (o refúgio na imaginação, nesse caso, torna-se a única opção revolucionária), isso passa a ser condenável quando a realidade passa a oferecer os elementos para a sua própria superação. Isso porque no primeiro caso a imaginação é a única opção; no segundo a realidade está sendo substituída pela imaginação, e portanto negada.

Por isso, se em muitos aspectos os fundadores desses sistemas foram revolucionários, as seitas formadas por seus discípulos foram sempre seitas reacionárias. Aferram-se às velhas concepções de seus mestres apesar do desenvolvimento histórico contínuo do proletariado. Procuram, portanto, e nisso são consequentes, atenuar a luta de classes e conciliar os antagonismos. (MARX & ENGELS, 1998, p. 67).

A crítica dos utópicos gira, portanto, principalmente na incapacidade de pensar soluções viáveis para os dilemas postos pelo capital, e essa incapacidade reside no fato de buscarem essas soluções em suas ideias, e não na realidade concreta.

É diante dessas três literaturas que o Manifesto apresenta sua posição política. Se diferencia das três, primeiro, por representar os interesses dos trabalhadores (e não de classes de sociedades anteriores que foram arruinadas e que, portanto, lutavam a favor de outras formas de dominação); segundo, por desejar ir além do que oferecia a sociedade burguesa; e terceiro, por buscar na realidade os elementos de superação da sociedade burguesa.

Essa posição política chama-se “comunismo”, que, ao invés de ser apenas uma literatura, é também um partido. Não no sentido contemporâneo, de organização institucional circunscrita a um país com a finalidade de participação do processo eleitoral. O partido naquele período ainda não estava amarrado nos limites institucionais contemporâneos (tanto que mais de uma organização poderia ser classificada como do mesmo partido; além disso, também rompe com as fronteiras nacionais). Seria uma teoria (partido) que se propõe expressar as condições gerais da luta de classes e intervir politicamente na realidade;

Na prática, os comunistas constituem a fração mais resoluta dos partidos operários de cada país, a fração que impulsiona as demais; teoricamente têm sobre o resto do proletariado a vantagem de uma compreensão nítida das condições, do curso e dos fins gerais do movimento proletário. (MARX; ENGELS, 1998, p. 51).

É a literatura criada pela política e interventora na política. E é justamente essa conexão com a realidade que posteriormente é utilizada por Engels para classificar esse comunismo como um tipo de socialismo: o socialismo científico. A sua maior capacidade de verificação das condições concretas da classe residiria no aspecto científico de sua análise.

## **4 | A CIÊNCIA DO SOCIALISMO CIENTÍFICO**

Os textos de Karl Marx e Friedrich Engels fundaram o marxismo, que é uma corrente de pensamento presente não só nos movimentos sociais e organizações populares como também nas disciplinas acadêmicas. E são várias as contribuições dos dois autores para o campo científico. Mas, no discurso diante do túmulo de Marx, Engels destaca duas

principais contribuições do então falecido autor: o materialismo histórico e a mais-valia (ou mais-valor)<sup>4</sup>.

A primeira contribuição trata da primazia dos elementos materiais (econômicos) diante dos elementos políticos, jurídicos, culturais, ou seja, dos elementos que na literatura marxista são classificados como “superestrutura”. O que é tratado nesse discurso como um simples fato, evidente, oculto apenas por excessivas ideologias, na verdade tornou-se um dos grandes problemas debatidos durante todo o século XX, o determinismo econômico.

Afinal, as variáveis econômicas teriam um poder explicativo maior da realidade social quando comparado com outras variáveis? Para realizar esse debate temos que partir do tipo de relação que as variáveis sociais estabelecem nessa perspectiva teórica. A influência da filosofia alemã, e do método dialético, é fundamental para avaliarmos de forma honesta as considerações dos autores sobre o tema.

Para tratar da dialética, é útil compará-la com a outra forma de pensamento com que se defronta no debate filosófico, a lógica formal. Esta, segundo Henri Lefebvre (1975, p. 25), define as formas, variáveis, em termos de identidades, estabelecendo relações abstratas entre estas, como por exemplo “inclusão-exclusão”, ou causa e efeito. O pensamento dialético parte da dificuldade da definição de tal identidade nas variáveis; as contradições destas, que são tomadas como erro lógico (o impossível) e que passam a ser a própria unidade de análise da dialética.

Esse debate é importante para interpretarmos a seguinte passagem de Marx: “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência” (MARX, 1982, p. 25). As palavras “consciência” e “ser social”, sob a perspectiva dialética, não podem ser entendidas como dois elementos com identidades próprias. São, na verdade, duas variáveis em diferença/contradição pertencentes a uma mesma unidade (sendo o “ser social” a categoria com o aspecto mais geral).

Essa mesma linha interpretativa pode ser usada para o trecho imediatamente anterior do texto de Marx:

Na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. (MARX, 1982, p. 25).

Essa famosa passagem em que Marx opõe a estrutura econômica às superestruturas jurídicas e políticas é geralmente usada para confirmar o determinismo econômico do autor.

4. Na literatura marxista brasileira há uma imprecisão da tradução do termo alemão *mehrwert*. Traduzido desde o início para *mais-valia*, importando o termo com uma tradução incorreta, a partir da tradução do livro de Marx os *Grundrisse*, em 2011, por Mario Duayer para a Editora Boitempo, o termo utilizado por esta editora é *mais-valor*.

Mas para ser lida sob a perspectiva metodológica dele, deve partir não de uma separação entre economia e política (destacando o título da obra em questão, “Contribuição à crítica da economia política”); deve sim partir da unidade (formações sociais) e interpretar os elementos econômicos e políticos como partes distintas desta mesma unidade. Nesse sentido, não é que a economia define os fenômenos políticos, em uma relação exterior entre duas unidades. Mas sim que a participação da economia na formação social como um todo é mais relevante, e temos todo um debate no marxismo para definir qual é essa relevância (uma avaliação mais compatível com a dialética seria uma qualificação mais precisa dessa relevância, ao invés de sua quantificação em termos de peso em relação às outras variáveis).

A segunda contribuição de Marx, a mais-valia, pode ser conceituada de forma muito simplificada como o tempo de trabalho não pago ao trabalhador e apropriada por um terceiro, o capitalista. Como, na concepção de Marx, o que gera valor é o trabalho (o ato humano de socializar os elementos da natureza, que no capitalismo é mercantilizado e, portanto, quantificável); o tempo a mais que o proletário trabalha, após ter produzido a riqueza necessária para pagar sua força de trabalho (que na sua “aparência” chama-se salário), e que é apropriada pelo capitalista, chama-se mais-valor. Ou nas palavras de Marx, em *O Capital*:

O segundo período do processo de trabalho, em que o trabalhador trabalha além dos limites do trabalho necessário [para pagar seu salário e cobrir os custos de produção], custa-lhe, de certo, trabalho, dispêndio de força de trabalho, porém não cria valor algum para o próprio trabalhador. Ele gera mais-valor, que, para o capitalista, tem todo o charme de uma criação a partir do nada. Essa parte da jornada de trabalho denomino de trabalho excedente, e ao trabalho nela despedido denomino mais-trabalho. (MARX, 2013, p. 293)

Mas além dessas duas contribuições de Marx exaltadas por Engels, outro elemento essencial para entendermos a teoria marxista aplicada à luta pelo socialismo é a da centralidade da luta de classes. A teoria econômica de Marx coloca os trabalhadores como os agentes produtores de valor. Considera que as forças produtivas possuem caráter coletivo (divisão do trabalho enquanto processo coletivo de socialização dos elementos da natureza) em contradição com o modelo privado de apropriação do resultado da produção (ENGELS, 2015, p. 310). E imprimem nas formações sociais, nas quais o modo de produção capitalista é dominante, a luta dicotômica entre burguesia e proletariado. Aqueles que produzem não se apropriam da produção.

Como colocado no Manifesto, o desenvolvimento histórico da sociedade burguesa simplificou “os antagonismos de classe. A sociedade divide-se cada vez mais em dois campos opostos, em duas grandes classes em confronto direto: a burguesia e o proletariado” (MARX & ENGELS, 1998, p. 40–41). Esse processo explica-se, primeiro,



pela força destrutiva que esse modo de produção<sup>5</sup> possui em relação aos outros modos; e segundo, pelo fato de os trabalhadores assalariados serem a grande massa de pessoas nesta sociedade, que efetivamente produzem os bens necessários, mas que se veem privados do usufruto do resultado social.

Portanto, para os socialistas, essas contradições econômicas, por disporem os atores sociais de forma contraditória, produzindo antagonismos de classes, traduzem-se em lutas políticas entre tais classes. Mas não devemos levar ao extremo esse processo histórico apresentado no Manifesto.

Primeiramente, ela não implica no completo desaparecimento de outras classes. Vide: a importância da renda no processo de distribuição no modo de produção capitalista; a importância dos outros modos de produção na acumulação primitiva de capital e no processo de expansão mundial do capital; a importância do campesinato e a oposição entre cidade e campo. Ou seja, a concentração da luta entre burguesia e proletariado verificada no Manifesto seria uma tendência, uma determinação no real que é composto por múltiplas determinações.

Segundo, essa polarização não significa a simplificação das lutas. E aqui é importante os fracionamentos que as classes possuem nas formações sociais. Ou seja, não existe apenas contradições entre as classes, mas também contradições nas próprias classes.

As obras de análise histórica de Marx, em especial “O 18 brumário de Luís Bonaparte”, foram muito influentes nos estudos marxistas sobre fracionamento de classe. Tanto a classe dominante está fracionada (grandes proprietários agrários, aristocracia financeira, burguesia industrial), como também existem frações intermediárias de classe (pequena burguesia). Estas se traduzem (são representados) na cena política através de organizações que se aliam e se fragmentam de acordo com a conjuntura (partido da Ordem, republicanos, etc.).

Para Marx a cena política também é composta por elementos além dessas organizações representativas das classes. Mas que, para obter poder político, precisam travar uma luta e obter apoio das classes, em uma relação específica com o Estado (ocupando-o e utilizando-o). A análise política não é simplificada por uma leitura que parte de categorias econômicas. A política tem suas próprias categorias que são interpretadas

---

5. O modo de produção é um conceito composto por “forças produtivas” e “relações de produção”. O primeiro refere-se ao processo direto de intervenção humana na realidade com a finalidade de obter bens socialmente úteis; e o segundo refere-se às relações entre os seres humanos que se organizam com o objetivo de colocar em funcionamento as forças produtivas. Essa relação, longe de ser lógica, é contraditória. E sua contradição explicaria grande parte das transformações observadas na história (MARX, 1982, p. 25). O modo de produção capitalista é um modo específico de realizar esse processo de geração de bens úteis socialmente. Existem outras formas de tal realização, porém, a história do desenvolvimento do capitalismo é marcada pela transformação dessas outras formas que, ou desaparecem, ou passam a ter um papel secundário, submisso, e/ou funcional ao próprio modo de produção capitalista. Seria o caso da produção doméstica de alimentos, que é funcional ao sistema na medida em que a sociedade capitalista não está suficientemente desenvolvida (quando não existe mercado de alimentos em determinada região, mesmo que essa região já esteja integrada ao mercado mundial na produção de alguma mercadoria simples, como a cana-de-açúcar), mas que passa a ser substituída pela compra de alimentos na medida em que os mercados se expandem.

considerando seu papel na formação social específica, que, portanto, tem relação com as categorias vindas da economia.

E, se é possível observar fracionamentos na classe burguesa, também o é na classe proletária. O Manifesto já apresenta alguns desses fracionamentos quando fala das diferentes literaturas socialistas, mostrando como as ideias das outras classes podem influenciar a orientação prática dos operários.

A orientação desse texto é mais pelo “otimismo da vontade”, mostrando os fracionamentos, mas com a expectativa de sucesso dos operários em superar as divisões e fazer a transformação social. Já a orientação do 18 Brumário poderia ser interpretada como “pessimismo da razão”, ou a verificação concreta de como a classe trabalhadora foi alijada do processo político francês nos acontecimentos posteriores à 1848.

Não verificamos, assim, um fatalismo na análise histórica de Marx, o necessário sucesso da classe trabalhadora. Mas sim uma torcida, um partido assumido pelo autor em favor de uma classe. Esse sucesso dependeria tanto da superação dos fracionamentos internos da classe operária e das classes dominadas, como também da capacidade de derrotar a burguesia (tanto nacional como internacionalmente). Esses eram os elementos a serem superados, por exemplo, nos eventos de 1871, a chamada “Comuna de Paris”, analisados por Marx na obra “A guerra civil na França”.

Neste livro, Marx retrata a primeira experiência histórica de tomada de poder da classe trabalhadora, a Comuna. A experiência que ocorreu em Paris e durou apenas 72 dias, sendo posteriormente esmagada pelo governo francês (com apoio de outras nações europeias), matando cerca de 20 mil *communards* (como ficaram conhecidos os membros e apoiadores da Comuna).

Para sabermos a dimensão desta novidade histórica é importante destacarmos aqui alguns ganhos dos trabalhadores a partir da Comuna de Paris. Marx cita, primeiramente, medidas para a classe trabalhadora e para as classes médias. A “supressão do trabalho noturno para padeiros diaristas”; também a abolição da jurisdição privada, que fazia dos empregadores “ao mesmo tempo juizes, executores e beneficiários e partes nas disputas, dando a eles o direito a um código penal próprio, permitindo-os roubar o salário dos trabalhadores por meio de multas e descontos a título de punição, etc.” (MARX, 2011, p. 116); instauração de cooperativas geridas pelos trabalhadores; remoção dos elementos religiosos e clericais da Educação; distribuição gratuita de materiais escolares; devolução de objetos penhorados; devolução de valores pagos em alugueis residenciais dos últimos três meses; abolição do alistamento; abolição da pena de morte, igualdade entre os sexos, redução da carga horária de trabalho e um longo etc.

Politicamente a Comuna foi também uma grande revolução democrática. Como descreveu Marx,

A Comuna era formada por conselheiros municipais, escolhidos por sufrágio

universal nos diversos distritos da cidade, responsáveis e com mandatos revogáveis a qualquer momento. Dos membros da Comuna até os postos inferiores, o serviço público tinha de ser remunerado com salários de operários. (MARX, 2011, p. 56-57)

Mas, apesar dessas conquistas, a experiência foi concluída com o assassinato de grande parte dos trabalhadores envolvidos no processo. A Comuna de Paris passou a ser um paradigma para os socialistas. Ao mesmo tempo que realizou grandes avanços para a classe trabalhadora, apresentando um modelo alternativo de sociedade, também colocou o grande desafio a ser superado: a vitória político-militar sobre a burguesia.

## 5 | LENIN: ORGANIZAR O PARTIDO PARA A TOMADA DO PODER

Nascido com o nome de Vladimir Ilyitch Ulianov, na cidade russa de Simbirsk, em 22 de abril de 1870, Lenin – como ficou conhecido – foi a principal figura do socialismo russo. Teórico marxista e dirigente do Partido Social-Democrata Russo, Lenin escreveu alguns dos principais livros sobre o socialismo. Como um socialista, era um homem de práxis, onde teoria e prática não se separavam<sup>6</sup>.

Apesar da vasta bibliografia escrita por Vladimir Lenin, que rendeu material para a produção por parte de diversas editoras pelo mundo de 36 volumes das “Obras Completas”, discutiremos aqui sobre dois dos seus escritos: “Que Fazer?” (1902) e “O Estado e a Revolução” (1917). O primeiro escrito ainda no início do que seria o Partido Bolchevique<sup>7</sup> e o segundo já às portas da Revolução Russa de outubro de 1917.

Nestas duas obras Lenin se preocupa diretamente em discutir o que o partido (agente fundamental para dirigir uma revolução socialista) deve fazer para construir a almejada revolução. Mas é importante perceber que, tal como Marx e Engels, os escritos de Lenin são caracterizados por conteúdos de polêmicas. Ao longo de sua obra, ele polemizou com os “Populistas”, “Economicistas”, “Marxistas Legalistas” e os “Revisionistas”.

*Que Fazer: Problemas candentes do nosso movimento* foi escrito entre o outono de 1901 e fevereiro de 1902, sendo publicado um mês depois. Nele, Lenin discute diretamente com uma ala da social-democracia russa que ganhava força, que defendiam o foco da luta dos sociais-democratas em ganhos imediatos para a classe trabalhadora, como salários e condições de trabalho. Ou seja, definiam o objetivo da luta socialista enquanto conquistas econômicas, e por isso sendo denominados pelos seus críticos de “economicistas”. Podemos descrever resumidamente a crítica de Lenin no seguinte trecho do livro:

A social-democracia dirige a luta da classe operária não só para obter

6. Uma importante biografia de Lenin onde o leitor poderia se aprofundar na vida do autor seria a de (MARIE, 2008), ainda não editada em português.

7. Os Bolcheviques e os Mencheviques, respectivamente “homens da maioria” e “homens da minoria”, foram duas frações do Partido Operário Social-Democrata Russo. Apesar deste racha dentro do partido ter ocorrido em 1902, o maior antagonismo se expressou antes da Revolução Russa, quando os Bolcheviques defendiam a imediata tomada do poder, enquanto que os Mencheviques defendiam a continuidade da democracia liberal.

condições vantajosas de venda da força de trabalho, mas para que seja destruído o regime social que obriga os não possuidores a venderem-se aos ricos. A social-democracia representa a classe operária não só na sua relação com um dado grupo de patrões, mas também nas suas relações com todas as classes da sociedade contemporânea, com o Estado como força política organizada. Compreende-se portanto que os sociais-democratas não só não possam circunscrever-se à luta econômica, como nem sequer possam admitir que a organização das denúncias econômicas constitua a sua atividade predominante. Devemos empreender ativamente o trabalho de educação política da classe operária, de desenvolvimento da sua consciência política. (LENIN, 1979<sup>a</sup>, p. 119)

Esta é uma característica importante para os socialistas (até então chamados de sociais-democratas por estarem dentro deste partido), a de que as lutas não devem parar apenas no que chamavam de trade-unionismo<sup>8</sup>, mas sim fazer o combate pelo poder político, mais especificamente pela derrocada do Estado. Colocando nos termos do debate socialista de Marx, era necessário superar o socialismo burguês e efetivar o chamado socialismo científico.

*O Estado e a Revolução: O que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na Revolução*, obra escrita e publicada meses antes da tomada do poder na Rússia, que ocorreu em outubro de 1917, trata justamente sobre a necessidade de tomada e destruição do Estado. A obra é justificada como um combate às distorções do marxismo. Nas palavras de Lenin, “uma vez que se logrou difundir tão amplamente o marxismo deformado, a nossa missão é, antes de mais nada, restabelecer a verdadeira doutrina de Marx sobre o Estado” (LENIN, 2007, p. 24).

O revolucionário russo reivindica aqui um conceito essencial para os socialistas, a de que o Estado serve apenas à uma determinada classe, no caso do capitalismo à burguesia. Revisitando uma das principais obras de Engels, “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”, Lenin define que:

O Estado é o produto e a manifestação do antagonismo inconciliável das classes. O Estado aparece onde e na medida em que os antagonismos de classes não pode objetivamente ser conciliados. E, reciprocamente, a existência do Estado prova que as contradições de classe são inconciliáveis. [Ou ainda que] para Marx, o Estado é um órgão de dominação de classe, um órgão de submissão de uma classe por outra; é a criação de uma “ordem” que legalize e consolide essa submissão, amortecendo a colisão das classes. (LENIN, 2007, p. 25-6).

Como o Estado é um órgão de dominação de uma classe diante das outras, o objetivo central dos socialistas passa a ser a tomada e destruição desta entidade. “A ideia de Marx é que a classe operária deve quebrar, destruir a “máquina do Estado”, não se limitando apenas a assenhorear-se dela” (LENIN, 2007, p. 63), ou seja, não ganhar eleições e assim gerir o Estado burguês, mas tomar de assalto o Estado e destruir esta máquina.

8. O termo é originado nas organizações chamadas de trade-unions, onde se reuniam trabalhadores antes da formação de sindicatos.

## 61 STALIN X TROTSKY: A REVOLUÇÃO DEVE SER NACIONAL OU INTERNACIONAL?

Lenin faleceu em 21 de janeiro de 1924, pouco mais de seis anos após a tomada do poder na Rússia e menos de dois anos após a criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Depois de sua morte, duas forças políticas antagônicas passaram a reivindicar o “verdadeiro leninismo”, estando de um lado Joseph Stalin<sup>9</sup> e de outro Leon Trotsky<sup>10</sup>.

No campo teórico, o grande termo da disputa era entre uma concepção de socialismo em um só país contra a necessidade da revolução internacional. Stalin, a partir de uma teoria gestada por Nikolai Bukharin, um dos grandes teóricos marxistas russos do Século XX (mais tarde morto pelos expurgos da política estalinista), passou a defender a ideia da URSS como país com uma estrutura econômica ainda atrasada diante do restante da Europa, e que por isso só poderia manter o socialismo apenas neste país (antes de derrotar o imperialismo). Ou seja, o socialismo soviético não precisaria ultrapassar suas próprias fronteiras para ser vitorioso, e a revolução mundial seria objetivo jogado para um futuro indefinido.

Em contraponto à isto, Trotsky – expulso de sua nação por Stalin e exilado em vários outros países, vindo a ser morto no México em 1940, também a mando do mesmo carrasco – em sua teoria chamada de Revolução Permanente, argumentava na 10ª tese do seu livro do mesmo nome que:

A revolução socialista não pode se realizar nos quadros nacionais. Uma das principais causas da crise da sociedade burguesa reside no fato de as forças produtivas por ela engendradas tenderem a ultrapassar os limites do Estado nacional. Daí as guerras imperialistas, de um lado, e a utopia dos Estados Unidos burguesas da Europa, de outro lado. A revolução socialista começa no terreno nacional, desenvolve-se na arena internacional e termina na arena mundial. Por isso mesmo, a revolução socialista se converte em revolução permanente, no sentido novo e mais amplo do termo: só termina com o triunfo definitivo da nova sociedade em todo o planeta. (TROTSKY, 2007, p. 208).

Ao contrário da doutrina estalinista, o trotskismo estabelece o objetivo da revolução internacional como luta imediata. Enquanto Stalin pregava um socialismo nacionalista, Trotsky propagava o internacionalismo revolucionário.

Trotsky escreveu muitas críticas diretas ao estalinismo, sendo talvez a principal delas *A Revolução Traída: O que é e para onde vai a URSS*, escrita em 1936. Nela, o

---

9. Secretário-geral do Partido Comunista e mandatário da URSS de 1922 a 1953, ano de sua morte, Stalin exerceu poderes ditatoriais principalmente depois da morte de Lenin. Seu legado ficou conhecido como “estalinismo” e foi reivindicado por muito tempo pelos partidos comunistas ao redor do mundo. Uma interessante biografia deste personagem foi escrita por (DEUTSCHER, 2006a).

10. Até 1940 Trotsky foi uma das maiores ameaças à Stalin. Líder da chamada Oposição de Esquerda, que combatia o “stalinismo”, Trotsky dirigiu partidos socialistas identificados com o que ficou conhecido como “trotskismo”, fundando a IV Internacional. Isaac Deutscher (DEUTSCHER, 1968, 2005, 2006b) também foi seu principal biógrafo, mas Trotsky também escreveu sua autobiografia, intitulada *Minha Vida* (1930).

“renegado” (como Stalin e os seus seguidores chamavam Leon Trotsky) definiu que:

A União Soviética é uma sociedade contraditória no meio do caminho entre o capitalismo e o socialismo, na qual: a) as forças produtivas são ainda insuficientes para dar à propriedade de Estado um caráter socialista; [...] d) o desenvolvimento econômico, melhorando lentamente a condição dos trabalhadores, contribui para a rápida formação de uma camada de privilegiados; e) a burocracia, explorando os antagonismos sociais, tornou-se uma casta incontrolável, estranha ao socialismo; f) a revolução social, traída pelo partido governante, ainda existe nas relações de propriedade e na consciência dos trabalhadores; g) a evolução das contradições acumuladas pode tanto levar ao socialismo como de volta para o capitalismo; h) no rumo do capitalismo, a contra-revolução deverá quebrar a resistência dos operários; i) no caminho para o socialismo, os trabalhadores terão que derrubar a burocracia. Em última instância, a questão será resolvida pela luta das duas forças sociais, tanto na arena nacional como na internacional. (TROTSKY, 2005, p. 228)

Para Trotsky só uma nova revolução política poderia salvar a URSS da dominação da burocracia estalinista e colocar novamente o socialismo no horizonte, sendo por isto mesmo a doutrina trotskista eleita como a maior traidora do Estado soviético (segundo a corrente estalinista).

O embate entre Stalin e Trotsky – mesmo após a morte do último – se refletiu nas doutrinas defendidas pelas correntes políticas socialistas e comunistas ao redor do mundo. Os Partidos Comunistas (PCs), tal como o Partido Comunista do Brasil (PCB), foram defensores da doutrina estalinista ao menos até a década de 1950. A principal correia de transmissão das posições do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) aos outros PCs era a Terceira Internacional. Essas posições, mais do que decisões políticas específicas, se referiam também à doutrina política, forma de interpretar as próprias obras marxistas, e também tradução, divulgação de obras, e produção de jornais partidários. Já para os partidos socialistas trotskistas foi a Quarta Internacional que serviu de organização central.

A perspectiva internacionalista sempre orientou os debates presentes na doutrina socialista. Parte significativa das ideias foram gestadas através de debates em organizações conhecidas como “Internacionais”, as quais apresentaremos no próximo ponto.

## 7 | AS INTERNACIONAIS

Provavelmente a frase mais famosa que podemos associar aos socialistas é a do trecho final do Manifesto do Partido Comunista, quando Marx e Engels gritam para os quatro cantos do mundo: “trabalhadores de todo o mundo, uni-vos!”.

Estas não são palavras vazias, ou mesmo desprovidas de sentido teórico. Como novamente afirmam no Manifesto, “Os operários não têm pátria”. E isto ocorre porque o capitalismo é um sistema internacional, logo sua antítese, o comunismo, necessariamente também o é.

Sendo assim, mesmo antes da primeira publicação do Manifesto, o próprio Marx já participava de um embrião de partido internacional do proletariado, a já mencionada Liga dos Justos, fundada em 1836, e que depois transformou-se em Liga dos Comunistas. Mas a organização que foi denominada como Primeira Internacional foi a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), fundada em setembro de 1848, em Londres, organização esta onde Marx era um dos seus dirigentes. A AIT reuniu inúmeras correntes ideológicas em seu interior: comunistas, anarquistas, sindicalistas, reformistas, democratas radicais, cooperativistas e um longo etc. A principal batalha apoiada pela AIT foi a da Comuna de Paris, também já mencionada neste capítulo.

A Primeira Internacional era formada por diversas organizações nacionais. Ela foi palco de muitas disputas ideológicas, mas a principal delas pode ser considerada a de Marx com Bakunin<sup>11</sup>. Este confronto estava ligada à uma disputa maior, a dos comunistas e anarquistas. Apesar de concordar com o objetivo final, comunistas e anarquistas discordam inteiramente dos métodos para se chegar nele: o primeiro defende a tomada do Estado e a implantação da “ditadura do proletariado” (como vimos em Lenin) para oprimir e fazer desaparecer as outras classes; já os anarquistas defendem a imediata destruição do Estado capitalista e a implementação de uma sociedade igualitária, sem esta transição.

Após fortes confrontos entre os dois grupos, um vinculado à Marx e outro à Bakunin, este último e seus seguidores foram expulsos da Internacional, fundando uma nova organização internacional paralela, a Internacional de Saint-Imier. A I Internacional foi dissolvida em 1876, na Filadélfia, mas deixando um legado internacionalista para o movimento operário.

Fundada em 1889, nomeada como Internacional Operária e Socialista, a Segunda Internacional foi a legítima sucessora da Primeira e contou com a participação de Friedrich Engels em sua fundação, já com seus 68 anos. Diferentemente da Primeira, que tinha como principal país a Inglaterra, o centro desta Internacional foi a Alemanha, reflexo do crescimento industrial deste país e consequente impacto disto no movimento operário (SAGRA, 2010). “A II Internacional, diferentemente da I, não foi uma frente única entre organizações operárias, mas uma federação de partidos social-democratas, alguns dos quais tinham peso de massa, e todos eles se reivindicavam marxistas”. (SAGRA, 2010, p. 25)

Uma das disputas teóricas maiores dentro da II Internacional foi a de Reforma ou Revolução, debate este que pode ser sintetizado a partir dos escritos de Eduard Bernstein e Rosa Luxemburgo.

A ala oportunista, apoiando-se no fato de que as condições objetivas ainda não estavam maduras para a revolução, buscou fazer da luta por reformas a essência do movimento socialista. Esse ponto de vista foi formulado por Bernstein da seguinte maneira: “O objetivo final, seja qual for, é nada; o

---

11. Mikhail Aleksandrovitch Bakunin nasceu 30 de maio de 1814, na Rússia, e foi o maior expoente do anarquismo do século XIX.

movimento é tudo”. Respondendo a ele, Rosa Luxemburgo, em Reforma ou Revolução, dizia: “entre a reforma e a revolução social existe, para a social-democrata, um vínculo indissolúvel. A luta pelas reformas é o meio; a revolução social, o fim”. (SAGRA, 2010, p. 25-6)

Grandes dirigentes e teóricos socialistas passaram por esta Internacional, como os alemães August Bebel, Karl Kautsky, Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo, Clara Zetkin, e os russos Vladimir Lenin e Leon Trotsky.

Esta Internacional começou a fragmentar-se depois de que uma de suas alas apoiou seus respectivos governos na I Guerra Mundial, inclusive com seus deputados votando a favor do crédito de guerra. Ela foi dissolvida em 1916, depois de muitos partidos saírem desta Internacional.

Já a Terceira Internacional, também chamada de Comintern (do alemão *Kommunistische Internationale*), foi fundada em 1919, já após a Revolução Russa (BROUÉ, 2007a, 2007b) e teve como seu principal idealizador e dirigente Lenin.

Esta foi a mais importante e madura das Internacionais. “A III Internacional não foi nem uma frente única como a I nem uma federação de partidos como a II. Com a III Internacional houve um salto qualitativo, foi o primeiro Partido Revolucionário Mundial”. (SAGRA, 2010) Esta organização funcionava a partir do “centralismo democrático”, formato de organização onde organismos superiores definem uma determinada política e todos os partidos e militantes devem implementá-la. Tinha como principal objetivo incitar a revolução mundial a partir dos partidos comunistas espalhados pelo mundo, seguindo a doutrina leninista de tomada do Estado.

Esta organização foi fechada por Stalin em 1943 – após esvaziá-la de poder paulatinamente – para sinalizar aos Estados aliados ocidentais que não haveria interferência da URSS nestes países.

Por fim, a Quarta Internacional foi fundada em 1938. A organização que teve como seu principal dirigente Leon Trotsky, foi uma organização denominada como “trotskista”, pois defendia um programa de transição para o socialismo, a *revolução permanente*, e uma nova revolução política na URSS<sup>12</sup>.

Hoje existem inúmeras organizações que se autodenominam “quarta internacional” em alusão ao partido de Trotsky, inclusive algumas delas com seções no Brasil. No entanto, nenhum destes atingiu a importância política das anteriores.

## 8 | O SOCIALISMO NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA

O socialismo teve sua origem no continente europeu, mas também teve uma grande disseminação ao redor do globo. Principalmente após a Segunda Guerra Mundial, com o início da ordem internacional bipolarizada entre Estados Unidos e URSS, e também com

---

12. As bases teóricas e a disputa contra o Estado Soviético e Stalin já foram discutidos no ponto anterior.



o processo de descolonização de vários países na África e na Ásia, a doutrina socialista passou a orientar atividades políticas, econômicas e intelectuais pelo mundo.

Mas para pensar o socialismo na América Latina, em geral, e no Brasil, em específico, é necessário retornar ao início do século XX, pois já nessa época surge os primeiros movimentos políticos e intelectuais inspirados no socialismo.

Michael Lowy (1999) destaca que o período inicial de desenvolvimento do socialismo latino-americano é marcado por uma tendência acentuadamente revolucionária, com intelectuais de destaque como José Carlos Mariátegui, e manifestações políticas importantes como a insurreição salvadorenha de 1932 (LOWY, 1999, p. 9).

No Brasil a influência do socialismo pode ser observada tanto nos movimentos grevistas e anarquistas do começo do século como também na organização do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1922. A fundação do PCB, assim como de outros Partidos Comunistas na América Latina, pode ser considerada bastante antecipado em relação à difusão socialista mundial, pois foi em um momento muito próximo da Revolução Russa de 1917. Teve grande inspiração desta, mas ainda não havia a influência organizacional exercida pelo estalinismo nos períodos posteriores.

Foi ao final da década de 1920 que Lowy destaca o recuo desse ímpeto revolucionário no socialismo latino-americano. Dois movimentos analiticamente opostos teriam motivado esse recuo: o que destacava as especificidades dos casos latino-americanos, considerando-os completamente diferente do europeu; e o que tentava aplicar os modelos de desenvolvimento capitalista ocorridos na Europa sem fazer distinção alguma. O primeiro, por considerar que as especificidades latino-americanas impediam a solução revolucionária europeia; o segundo, por considerar a etapa de desenvolvimento econômica prematura para poder fazer a revolução; os dois convergiam em negar a opção revolucionária para os casos na América Latina.

O segundo tipo de análise é característico da perspectiva estalinista, que ficou conhecido como “etapismo”. Seguindo essa análise, existem etapas de desenvolvimento, e que o socialismo deve ser precedido do capitalismo. O caso latino-americano ainda não seria propriamente capitalista, se aproximando do regime feudal. Portanto, a opção política a ser tomada deveria ser menos a revolução e mais a aliança com as burguesias nacionais progressistas, que permitiria o desenvolvimento capitalista local, a luta contra o fascismo e a luta contra o imperialismo.

Essa tendência se desenvolveu dentro do PCB. Além dos rachas internos do partido ocorridos ao final da década de 1920 e início da década de 1930, foi se consolidando a influência do *Comintern* no partido, com Luís Carlos Prestes assumindo a direção em 1935. Segundo Lowy, nesse momento o partido ainda passava por um momento de transição, em que havia um ímpeto revolucionário, porém, sem um fundamento de mobilização popular. Pela própria trajetória de Prestes (tenentismo), foi possível observar que a força na qual o partido pretendia sustentar o processo revolucionário eram as instituições militares (com o

apoio da burguesia progressista carioca) ao invés da mobilização popular (campesina ou urbana). A revolta da Aliança Nacional Libertadora (ANL) de 1935 foi a tentativa frustrada dos socialistas assumirem o poder no Brasil, e marca a consolidação da orientação de aliança com as forças burguesas no Brasil e na América Latina (especialmente marcante foi o apoio do PCB, e de Prestes, à Getúlio Vargas em 1945, mesmo depois das perseguições aos comunistas ocorridas durante o Estado Novo).

Da mesma maneira que o recuo do ímpeto revolucionário se deu diante de uma série de fracassos de intervenções militares socialistas (no Brasil e na América Latina), nas décadas de 1950 e 1960 é possível observar o surgimento de tendências mais revolucionárias também pelo fracasso da opção das alianças com a burguesia local. No Brasil, a perspectiva estalinista passa a se defrontar com críticas tanto intelectuais como políticas.

A tese do etapismo passa a ser criticada por membros do próprio PCB; por exemplo, a crítica de Caio Prado Jr. em relação à caracterização feudal da formação econômica brasileira. E a suposição do progressismo de determinadas frações das burguesias locais passa a ser criticada pela “Teoria da Dependência”.

Além dos teóricos que criticam o ortodoxismo presente nas análises oficiais do partido, um fato político importante ocorre na América Latina: a Revolução Cubana. Talvez seja legítimo comparar o impacto que tal revolução teve nos socialistas latino-americanos com o impacto que a Comuna de Paris teve nos socialistas europeus. Foi um fato político paradigmático, que transformou a realidade diante desses socialistas. Primeiro, foi uma revolta armada bem-sucedida contra os Estados Unidos, país que exercia dominação militar em toda a região do Caribe, e que era um dos polos de poder na Guerra Fria. Segundo, foi uma revolta com a mobilização de grande parte da população rural (contrariando a análise ortodoxa que via no campesinato latino-americano o mesmo papel que Marx viu no campesinato francês de 1848, ou seja, um papel conservador). Terceiro, mesmo com uma proposta inicial mais jacobina do que socialista, realizou um processo de estatização econômica sem precedentes entre os governos que reivindicavam o socialismo na América Latina.

Como coloca Lowy, foi uma revolução em que *“a prática precedeu a teoria”* (1999, p. 44), e que, no processo revolucionário, os atores foram tornando-se socialistas. Um dos partícipes do processo cubano foi especialmente importante para o socialismo na América Latina, Ernesto Che Guevara. Absorvendo as experiências cubanas e participando ativamente de processos revolucionários em outros países no continente, forma uma perspectiva específica de socialismo, que Lowy chama de “guevarismo” (LOWY, 1999, p. 45-47).

O guevarismo, segundo o autor, teve uma grande influência em movimentos socialistas brasileiros como o Movimento revolucionário 8 de outubro (MR-8, liderado pelo Capitão Carlos Lamarca) e a Ação Libertadora Nacional (ALN, liderada por Carlos

Marighella) (LOWY, 1999, p. 48). Destacando a incapacidade de progressismo das frações burguesas locais e o socialismo como única alternativa para o desenvolvimento e a independência latino-americana, defenderam a luta armada. No Brasil, durante o período da ditadura militar, os movimentos influenciados por essa perspectiva assumiram principalmente intervenções urbanas de guerrilha, e que foram duramente reprimidas pelo regime. Seu baixo enraizamento popular, assim como seu militarismo, foram grandes objetos de crítica (e auto-crítica).

Outra corrente socialista que teve impacto no Brasil foram os maoístas, movimento influenciado pela doutrina socialista desenvolvida na China por Mao Tse-Tung, e que inspirou a formação do PCdoB, partido formado após um racha no PCB em 1962. Críticos em relação aos “guevaristas” e aos trotskistas, possuíam uma posição mais radicalizada que o PCB em relação às intervenções armadas. Organizaram uma guerrilha camponesa na Amazônia (a conhecida “guerrilha do Araguaia”) que também foi dizimada pelo exército brasileiro.

Já os trotskistas tinham uma relação mais conciliatória em relação ao “guevarismo”. Muitos trotskistas participaram ativamente desses movimentos armados durante a ditadura, e também participaram da formação do novo partido organizado pelas classes populares, o Partido dos Trabalhadores (PT).

Ao final da ditadura militar brasileira, se temos organizações e agrupamentos abertamente socialistas (PCB, maoístas, trotskistas, guevaristas), também temos outros movimentos políticos que, apesar de não se reivindicarem ao estatuto de socialista, também são influenciados pela doutrina<sup>13</sup>.

Destacamos enquanto movimento religioso a chamada “Teologia da Libertação”. Atraídos pela “ética socialista” de defesa dos pobres e da crítica da modernização pauperizadora, esses teólogos se aproximaram das doutrinas socialistas no processo de abertura liberal da Igreja (Concílio Vaticano II), e tiveram grande papel em movimentos populares e também na organização do PT.

Enquanto exemplo de movimento camponês no Brasil influenciado pelas doutrinas socialistas temos o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), movimento com origem no cristianismo libertário (LOWY, 1999, p. 63), que realiza seu primeiro encontro nacional em 1984.

O Partido dos Trabalhadores teve influência tanto dos trotskistas como da Teologia da Libertação, mas a sustentação de base do partido foi o movimento sindical do final da década de 1970. Os sindicalistas reprimidos na fase final da ditadura, influenciados por essas correntes politizadas, decidem formar um partido próprio, acompanhando as transformações do sistema partidário brasileiro, que deixa o bipartidarismo e permite a oficialização de novas instituições. Em processos políticos aproximados, o movimento

---

13. Há uma ampla bibliografia que trata sobre os comunistas e seus partidos no Brasil, tal como (RIDENTI; REIS, 2007a, 2007b) e (MAZZEO; LAGOA, 2003).

sindical conseguiu centralizar-se e nacionalizar-se com a formação da Central Única dos Trabalhadores (CUT).

## 9 | CONCLUSÃO

O período contemporâneo, durante e após a década de 1990, colocam uma série de questões para a doutrina socialista. Se houveram fatos políticos paradigmáticos que incentivaram a organização e o desenvolvimento da doutrina socialista nos últimos séculos (tratamos no presente texto da Comuna de Paris e da Revolução Cubana), os eventos posteriores a 1989 estavam na direção contrária, de tentar afirmar a superação da doutrina socialista.

Mundialmente, os dois eventos que mais impactaram os socialistas foram a queda do Muro de Berlim e a dissolução da URSS; na América Latina temos a derrota sandinista na América Central e a falta de democracia no sistema cubano.

Nessa tendência descendente do socialismo, muitos líderes socialistas e trabalhistas europeus acabaram realizando governos liberais. No Brasil, temos o governo do PT eleito em 2002, que insistiu na estratégia conciliatória de classes, supondo um progressismo por parte de algumas frações da burguesia.

Mas no período recente essa aposta conciliatória vem mostrando seus limites. As crises econômicas enfrentadas durante toda a década de 1990 e 2000, destacando a crise de 2008 pelo seu impacto, problematizam a infalibilidade do sistema capitalista. Contradições intrínsecas ao capitalismo, somado com o aspecto financeirizado do sistema econômico contemporâneo, são explicações que os socialistas dão para a realidade contemporânea.

Mas além do impasse econômico, a atualidade se defronta com uma forte ascensão de movimentos conservadores, que não só resultaram na vitória eleitoral dos partidos alinhados nessa perspectiva, como também no golpe de Estado ocorrido em 2016 no Brasil. No caso brasileiro, a estratégia de alianças com a burguesia se mostrou extremamente frágil, tendo em vista que frações do empresariado, extremamente favoráveis ao governo petista, de maneira surpreendentemente rápida, mudaram a posição para o extremo oposto.

Não só à instabilidade econômica, mas os socialistas também têm que responder aos dilemas políticos democráticos colocados atualmente. Essa resposta, pela própria orientação da doutrina, deve ser não apenas teórica, mas também prática. Talvez uma das faltas existentes para o movimento socialista contemporâneo seja um caso paradigmático, uma experiência concreta atual que oriente a direção do movimento (como foi a Comuna e Cuba). Mas essas experiências não ocorrem espontaneamente e se devem às lutas sociais nas quais os socialistas se envolvem diretamente.

## REFERÊNCIAS

BROUÉ, P. **História da Internacional Comunista (1919-1943): a ascensão e a queda**. 1. ed. São Paulo: Editora Sundermann, 2007a.

BROUÉ, P. **História da Internacional Comunista (1919-1943): da atividade política à atividade policial e anexos**. 1. ed. São Paulo: Editora Sundermann, 2007b.

COGGIOLA, O. 150 anos do Manifesto Comunista. In: **Manifesto Comunista**. 1. ed. São Paulo: Editora Boitempo, 1998.

DEUTSCHER, I. **Trotsky - o profeta armado: 1879-1921**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

DEUTSCHER, I. **Trotsky - o profeta desarmado: 1921-1929**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

DEUTSCHER, I. **Stalin: uma biografia política**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006a.

DEUTSCHER, I. **Trotsky - o profeta banido: 1929-1940**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006b.

ENGELS, F. **Anti-Duhring: a revolução da ciência segundo o senhor Eugen Duhring**. 1. ed. São Paulo: Editora Boitempo, 2015.

GABRIEL, M. **Amor e capital: a saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

HOBBSBAWN, E. **A era das revoluções: 1789-1848**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LENIN, V. Que fazer? In: LENIN, V. (Ed.). **Obras escolhidas**. 1. ed. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1979a.

LENIN, V. Obras Escolhidas. In: LENIN, V. (Ed.). **Obras escolhidas**. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1979b.

LENIN, V. **O Estado e a revolução**. 1. ed. São Paulo: Centauro, 2007.

LEFEBVRE, H. **Lógica formal / lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

LÖWY, M. (Org.). **O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais**. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.

MARIE, J. J. **Lenin (1870 - 1924)**. Madrid: POSI, 2008.

MARX, K. **A guerra civil na França**. 1. ed. São Paulo: Editora Boitempo, 2011.

MARX, K. **Miséria da filosofia: resposta à filosofia da miséria de Proudhon**. São Paulo: Centauro, 2001.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital**. 1. ed. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.

MARX, K. **Para a crítica da economia política; salário, preço e lucro; o rendimento e suas fontes**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto Comunista**. 1. ed. São Paulo: Editora Boitempo, 1998.

MAZZEO, A. C.; LAGOVA, M. I. **Corações vermelhos: os comunistas brasileiros no século XX**. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

RIDENTI, M.; REIS, D. A. **História do marxismo no Brasil: partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960**. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007a.

RIDENTI, M.; REIS, D. A. **História do marxismo no Brasil: partidos e movimentos após os anos 1960**. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007b.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2012.

TROTSKY, L. **A revolução traída: o que é e para onde vai a URSS**. 1. ed. São Paulo: Editora Sundermann, 2005.

TROTSKY, L. **A revolução permanente**. 1. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acidentes de Transporte Terrestre 41, 42, 44, 46, 51, 54, 55

Adoção 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 141

Afetos 78, 80, 85, 86, 87, 88, 89

Aglomerados 41

Agronegócio 106, 107, 109, 113, 114, 115, 117

Ancestralidade 216, 217, 222, 223

### C

Capital 15, 67, 68, 71, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 115, 116, 117, 122, 123, 126, 127, 130, 131, 147, 152, 169, 171, 173, 183, 184, 186, 188, 189, 201, 202, 207, 211, 212

Cartolas 155, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165

CBF 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167

Conservadorismo Social e Econômico 121, 123, 129

Coping 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 103, 104, 105

Corrupção 155, 156, 159, 161, 162, 164, 166, 181

Covid 19 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24

Cultura de Paz 133, 136, 137, 139, 140, 141, 142

### D

Direito Fundamental 133, 135, 168, 169, 172, 173, 174, 176, 177

Doença Ocupacional 14, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24

### E

Economia Solidária 78, 79, 83, 88, 89, 182, 202

Estado 36, 47, 48, 55, 56, 61, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 77, 94, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 144, 147, 149, 151, 158, 159, 160, 161, 163, 166, 168, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 200, 201, 204, 205, 220

Ex-Presidiários 119, 120

### G

Gestão Pública 1, 11, 227

### H

Hiato do Gênero 25

## **I**

Independência Congoleza 121, 126, 129

Institucionalização 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 128, 148

## **J**

Justiça Restaurativa 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143

## **M**

Medida Socioeducativa 168, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 177

Mortalidade 3, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56

MST 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 199

## **N**

Negociação Coletiva 106, 107, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117

## **P**

Política 76, 89, 147, 154, 155, 166, 167, 179

Política Pública 106, 107

Práticas Pedagógicas 133, 135

Previdência 19, 124

Procedimentos Hemodinâmicos 1, 10

Profissionalização 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177

## **R**

Regime Disciplinar Diferenciado 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154

Reinserção 58, 63, 64, 119, 174

Rotas Metabólicas Bioquímicas 25, 38

## **S**

Socialismo 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 200

Socioeducandos 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176

## **T**

Trabalho 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 36, 38, 40, 45, 53, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 73, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 98, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 130, 133, 139, 142, 146, 150, 155, 156, 164, 168, 169, 171, 173, 174, 175, 177, 181, 182, 188, 190, 191, 192, 204, 207, 208, 210, 211, 213, 220, 221, 225

Transtorno do Espectro Autista (TEA) 90, 91, 92




Turismo 66, 71, 72, 76, 77

*Ciências Sociais Aplicadas:  
Necessidades Individuais & Coletivas*  
2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2020

# *Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas*

## 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2020